

# Casas de apoio: assistência médica e redes de agenciamentos urbano-rurais

JULIANNA AZEVEDO

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará, Parauapebas, Pará, Brasil

LUCIANA CHIANCA

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v25i25p293-311

**resumo** Este artigo tem como objetivo demonstrar como as categorias do rural e do urbano são relativizadas por instituições sociais sustentadas por redes médicas e políticas no Nordeste brasileiro. Nossa análise é viabilizada pela etnografia de uma “casa de apoio”, um espaço de estadia e promoção de assistência logística para doentes submetidos a tratamento médico que se encontram distantes dos seus locais de residência. Ao examinarmos a Oestana, descortinamos situações e relações reveladoras de uma sociabilidade sustentada pela empatia e gratidão, elementos que remetem aos vínculos médicos, culturais e políticos prévios à estadia. Assim, destacamos a presença de um *ethos* na constituição e funcionamento cotidiano da casa, agência paradigmática do trânsito “rural-urbano”, que expõe algumas formas inusitadas da assistência médica no Brasil contemporâneo.

**palavras-chave** Casa de apoio; Assistência médica; Clientelismo; Redes de agenciamento.

## Casas de Apoio: health care and rural-urban agency networks

**abstract** This article aims to show how the rural and urban categories are relativized by social institutions that are supported by medical and political networks in the Brazilian Northeast. Our analysis is made possible by the ethnography of a *casa de apoio*, that is a place where sick people whose residence is distant stay when they are undergoing medical treatment. During the study of Oestana, *casa de apoio*, we uncovered situations and relationships revealing of a sort of sociability sustained by empathy and gratefulness. These elements refer

to medical, cultural and political bonds prior to the stay in Oestana. Thus, we highlight the presence of this “ethos” in the constitution and daily functioning of the establishment, a paradigmatic agency of “rural-urban” flow, which brings out some unusual forms of medical care in contemporary Brazil.

**keywords** *Casa de apoio*; Health care; Clientelism; Agency networks.

Reproduzindo uma realidade comum ao cenário brasileiro contemporâneo, a cidade de Natal (capital do estado do Rio Grande do Norte) centraliza diversas unidades, equipamentos e profissionais da área médica em nível microrregional, assim como terapias de doenças crônicas e agudas. Diversos pacientes buscam ali diagnósticos e tratamentos especializados, geralmente não disponíveis nos seus lugares de origem. Por vezes, o parecer médico não aponta gravidade, abreviando a permanência do viajante naquela cidade. Mas, em alguns casos, tais tratamentos de saúde – especialmente os procedimentos oncológicos e ortopédicos – podem se prolongar por semanas ou meses segundo o quadro clínico do paciente, não raro exigindo a frequência diária a sessões terapêuticas por longos períodos, cuja duração pode se estender por meses ininterruptos.<sup>1</sup>

Essa realidade fez surgir um serviço operacionalizado por casas de apoio,<sup>2</sup> unidades residenciais especializadas na acolhida de pessoas que deixam suas localidades (muitas vezes situadas a centenas de quilômetros de distância da capital) em busca desses bens e serviços de saúde. Públicas ou privadas, as casas de apoio possuem dois tipos de hóspedes: os circunstanciais – doentes que demandam apenas uma consulta ou uma consulta-retorno, com estadias que não se prolongam por mais de um dia (com ou sem pernoite) – e, em outros casos, pacientes de longa duração – que se hospedam na Oestana por semanas ou meses. Ela também acolhe os acompanhantes<sup>3</sup> dos pacientes (em geral, familiares) que justificam ali a sua presença pela necessidade do auxílio psicológico ou físico aos

<sup>1</sup> Os tratamentos que exigem equipamentos e materiais de alto custo, como os de rádio e quimioterapia, geralmente são encontrados apenas nos hospitais públicos de referência cujas unidades estão na capital do estado ou, mais raramente, em clínicas especializadas, localizadas nas cidades-polo das regiões de onde se deslocam os pacientes.

<sup>2</sup> Os termos “casas de apoio” ou “pousadas” são designações nativas pelas quais dirigentes, usuários e funcionários se referem a esse espaço cuja natureza será explicitada mais adiante. Nesse sentido, aplicamos “casas de apoio” no texto como referência a essas instituições, sejam elas de natureza pública ou privada, mas sempre especializadas em acolher doentes em tratamento de saúde e seus familiares. Quando destacamos casa (no singular), estamos nos referindo especialmente à Oestana. De todo modo, ambas as noções fazem parte de um quadro de referência simbólico que evidenciam o espaço da casa como “segmento tradicional que representa um meio de ligação com a totalidade” (DA MATTA, 1997, p. 231), o que discutiremos mais adiante.

<sup>3</sup> Quando o doente não tem condições de cuidar de si próprio, seja pelo agravamento do seu quadro médico ou por se encontrar incapaz momentaneamente, a presença de alguém responsável por ele e que possa assisti-lo individualmente durante as consultas se faz necessária. A essas pessoas, que, geralmente, são familiares, vizinhos ou “conhecidos” próximos, é dado o nome de *acompanhante*.

doentes – para a locomoção, comunicação, alimentação, cuidados de higiene etc.

Partindo das pequenas cidades e das zonas rurais do sertão potiguar, os hóspedes da Oestana (pacientes e acompanhantes) são, em robusta maioria, usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) e não têm familiares residentes na cidade de Natal.<sup>4</sup> Em grande medida, isso condiciona o acesso aos serviços e bens de saúde distribuídos na capital à hospedagem nos estabelecimentos de assistência aqui tratados.

Voltadas notadamente para o acolhimento,<sup>5</sup> que compreende basicamente a alimentação e o deslocamento aos locais de tratamento, a existência desse tipo de estabelecimento em Natal data de meados do século XX, como resposta à grande demanda migratória do interior do estado em direção à capital. Entretanto, no século XXI as casas de apoio se especializam, passando a atender uma logística diretamente associada à assistência médica: nossa pesquisa de campo realizada entre 2008 e 2012<sup>6</sup> revelou que há pelo menos dezoito delas em Natal (RN), distribuídas por treze bairros da cidade.

Destarte, as casas de apoio funcionam como albergues privados (daí a categoria nativa *albergados* para os seus hóspedes), cujo pagamento pela hospedagem advém dos recursos públicos alocados ao município de origem do paciente e seu acompanhante. Não surpreende que seus proprietários detenham laços estreitos com lideranças político-partidárias locais e regionais, pois são as prefeituras que lhes proporcionam uma clientela permanente para serviços que podem compreender também motoboys, compras em farmácias, marcação de consultas e exames médicos, deslocamento na cidade, caronas, compra de passagens de ônibus para o retorno, contatos diretos com políticos, além de orientações e informações diversas durante a estadia na cidade.

É indispensável notar que, embora não seja declarada nem admitida pelos proprietários das casas de apoio ou pelos prefeitos, a condição mais importante para o acesso efetivo aos seus serviços como paciente é uma “boa relação” com o prefeito da cidade de origem. Em outras palavras, estar bem localizado numa rede de relacionamentos médicos e políticos, partilhar de um quadro comum de valores e comportamentos e ser coerente nas suas escolhas eleitorais são indicadores para o acolhimento.

Nossa análise parte da Oestana, objetivando demonstrar como as categorias do rural e do urbano são revestidas de relações particulares ao trânsito que a

<sup>4</sup> Alguns municípios da mesorregião do Oeste Potiguar atendidos pela Oestana apresentam suas zonas rurais com significativa densidade demográfica, segundo dados do censo 2010. Em alguns casos, a população rural chega a ultrapassar a urbana, como é o caso dos municípios de Encanto, com 3.101 residentes na zona rural (de um total de 5.231 habitantes); Riacho de Santana, com 2.446 (de 4.156); Severiano Melo, 3.634 (de 5.752); e Venha Ver, com 2.622 (de 3.821) (IBGE, 2010).

<sup>5</sup> Tal como os funcionários da Oestana se referem ao tempo que compreende a chegada e a permanência dos pacientes e seus acompanhantes.

<sup>6</sup> Nossa pesquisa compreendeu o período de julho de 2010 a junho de 2012 e subsidiou a nossa dissertação de mestrado.

produz. Atravessando um contexto político envolvido por disputas eleitorais, as relações nela forjadas são fortemente marcadas por códigos morais que comportam e ultrapassam a lealdade e a confiança, já destacados precedentemente por uma vasta literatura sociológica e antropológica concernente ao trânsito urbano-rural e às suas implicações políticas e simbólicas (LEAL, 1975; FAORO, 2011; HEREDIA, 1979; GARCIA JR., 1988; CINTRA, 1974). Outras categorias se revelam aqui, suportando uma complexa trama de significados, envolvendo a empatia e a gratidão – esta visceralmente relacionada à “dívida da vida”, própria da relação clientelista que destaca médicos/políticos e pacientes/eleitores (AZEVEDO, 2012). Como unidade de análise escolhida, a casa de apoio Oestana fornece subsídios para pensar as relações tecidas em seu cotidiano entre diferentes grupos, instituições e contextos ao alcance de um sistema de trocas médicas, sociais, políticas e simbólicas não necessariamente dissociado, mas deslocado daquele clássico modelo de classificação.

### **A Oestana: uma casa do Oeste, longe de casa**

A Oestana acolhe doentes vindos da mesorregião do oeste potiguar, principalmente, da microrregião de Pau dos Ferros. No início da pesquisa, a casa de apoio estava localizada numa das principais vias da capital, numa área urbana próxima a clínicas, consultórios médicos e hospitais – na av. Hermes da Fonseca, 1329 – e despertou nossa atenção pelo movimento constante e diuturno de vans, ônibus, ambulâncias, táxis, motos, pessoas, com pacotes e bagagens, numa região privilegiada e enobrecida da cidade. Entretanto, desde 2011, a Oestana mudou para um novo endereço – rua Dr. César Cabral, 103, Cidade Nova, Natal –, ficando mais distante do núcleo urbano, que possui uma maior dinâmica citadina, mas sem prejuízo de sua intensa atividade.



**Foto 1** Sede da Oestana até 2011.



**Foto 2** Atual sede da Oestana (após 2011).

Diferentemente de sua primeira sede, situada numa *mancha* médica (MAGNANI, 2002),<sup>7</sup> desde 2011 a Oestana estabeleceu-se num setor citadino marcado pela presença de pequenas indústrias e sedes de depósitos de empresas. Afastado dos centros de comércio e de lazer, o bairro é tido como menos privilegiado pelos seus usuários, que fazem inevitáveis comparações entre o endereço atual e o anterior.

Em razão disso, os passeios pela cidade se tornaram menos frequentes, mas não desapareceram. Tal prática, agora reduzida, deu origem a uma categoria acusativa nas casas de apoio, os *passeantes* – um trocadilho jocoso para quem vai a Natal passear ou “fazer turismo” em vez de se tratar ou ajudar um doente: “tem gente que vem, vai para as consultas e depois se manda no meio do mundo: vai para *shopping*, para a praia... Aí não é paciente, não: é *passeante*! Isso aqui [Oestana] não é um hotel de passeio não: é para a saúde. Eu já vi gente deixar doente aí sozinho e ir andar” (T. J., 16 set. 2011).

Ultrapassando assim a sua função inicial, a Oestana se constitui também como um ponto de acesso a bens e serviços não necessariamente relacionados à saúde, assumindo a condição de um “ponto de apoio” na capital do estado, tor-

<sup>7</sup> Uma *mancha* médica aglutina referências espaciais “em torno de um ou mais estabelecimentos, apresentando uma implantação mais estável tanto na paisagem como no imaginário. As atividades que oferece e as práticas que propicia são o resultado de uma multiplicidade de relações entre seus equipamentos, edificações e vias de acesso, o que garante uma maior continuidade, transformando-a, assim, em ponto de referência físico, visível e público para um número mais amplo de usuários” (MAGNANI, 2002, p. 23).

nando-se local de encontros, praça informal de táxis e depósito de encomendas. Ela consolida assim uma rede abrangente e integrada de clientes, com grande poder de atração e influência, estendendo sua área de atuação para além do seu público e funções usuais.<sup>8</sup>

Pertencer às redes que perpassam a Oestana não significa somente buscar uma melhor condição de saúde, mas ampliar as possibilidades de acesso a bens e serviços médico-hospitalares, laboratoriais e ambulatoriais; ela abre novas possibilidades de consumo e de lazer, relações mais próximas, mais *chegadas*, ou seja, compartilhamento de valores, modos de pensar, de agir e de ser. Assim, além de casa de apoio, a Oestana é também um “lugar praticado” (DE CERTEAU, 1994), de grande força simbólica para os munícipes que nela se hospedam: na capital, ela representa um Oeste simbólico, contribuindo para superar o desenraizamento e configurar uma nova territorialização (OFFNER; PUMAIN, 1996). Por essa razão, muitos “carros de linha” incluem a Oestana nos seus trajetos, na chegada ou saída da cidade.<sup>9</sup>

Se o contexto citadino permite diferentes vivências e experiências, a permanência na Oestana enseja o modo de vida interiorano, rural. Evitando um sofisma frequente, não compreendemos tais práticas como mera extensão desses universos culturais num contexto citadino – assim como as festas juninas não correspondem a uma extensão do mundo rural na cidade, mas a uma forma de articular esses dois universos, criando sínteses simbólicas diferentes (CHIANCA, 2013). Como assinalou com justeza J. G. C. Magnani (1998), as “cadeiras na calçada” podem ser a expressão de uma sociabilidade que demonstra uma “boa experiência urbana”, e não somente uma manifestação saudosista de outros tempos e espaços sociais. Ademais, na Oestana, as rodas de conversa discutidas por B. M. A. Heredia (1979) como práticas do espaço público, convencionalmente associadas ao modo de vida interiorano, não ocorrem fora da casa nem em suas margens (os *terreiros*), mas internamente, nos seus cômodos, sobretudo no re-

<sup>8</sup> As “redes de proximidade” (CHIANCA, 2013) da casa foram analisadas por Azevedo (2012), que revelou como elas subsidiam e garantem o funcionamento da Oestana por meio de vínculos políticos, comerciais, de parentesco, de vizinhança e de amizade. Tais redes são marcadas pela interpessoalidade e se constituem nos locais de origem dos usuários, tanto no cotidiano da Oestana quanto fora dela.

<sup>9</sup> Assim são chamados os veículos particulares que realizam o trajeto entre Natal e as cidades do interior do estado, oferecendo informalmente (e muitas vezes ilegalmente) o transporte pago de passageiros. Com o desenvolvimento da pesquisa, descobrimos que as próprias prefeituras (ou a Oestana, quando esse serviço é solicitado) reservam “os lugares” nesses meios de transporte com o intuito de economizar os gastos implicados pela vinda de ambulâncias ou de outros automóveis municipais oficiais. Carros de linha atuam de modo semelhante ao que foi observado por Rigamonte (2001), quando ela analisou a praça Sílvio Romero, em São Paulo (SP), onde uma rede informal de transportes (caminhões) foi estabelecida para suprir uma demanda de envio e recebimento de mercadorias entre sertanejos que moravam na metrópole e suas famílias residentes no sertão baiano. Assim, na Oestana automóveis particulares realizam informalmente o transporte de passageiros em trajetos (“linhas”) pré-estabelecidos.

feitório, onde fica o aparelho de televisão.

Embora haja situações nas quais vínculos sociais são iniciados na própria casa, é importante ressaltar que, por vezes, ela apenas reforça uma relação pré-existente: laços políticos, médicos, de amizade ou de vizinhança ganham sentido e são reforçados nesse espaço: “quando um partido conhece você, você é bem atendido. Se for para o outro lado, é mais difícil conseguir. Não é nem pelo prefeito, é pelos outros. Interior é assim: eles sabem de tudo” (T. T., 14 jun. 2011). Assim, “ficar na Oestana” representa segurança, rapidez no atendimento, apoio logístico e emocional que se configuram como vantagens pouco acessíveis em outro contexto de vinculação político-eleitoral ou de alianças locais: “é bom ficar aqui, é muito triste quem vem e fica jogado, sem ter para onde ir, sem ninguém para falar pela pessoa” (T. T., 14 jun. 2011).<sup>10</sup> A estadia na casa também fomenta um conforto simbólico, traduzido nessa última fala, que revela um “bem-estar” frequentemente percebido nos discursos de seus usuários.

### **A casa: lugar de acolhimento, tramas de poder**

Os pacientes e os seus eventuais acompanhantes costumam chegar à Oestana à noite, após terem viajado longas horas, ou mesmo parte do dia. Assim, eles garantem a dormida e se preparam para os atendimentos médicos do dia seguinte, quando bem cedo se encaminham às clínicas, hospitais e laboratórios de Natal, retornando à casa ao meio-dia para o almoço e, quando necessário, saindo novamente à tarde para outras consultas, exames e tratamentos. Se não há uma relação de conhecimento direta entre prefeitos e usuários da casa, as redes de interconhecimento medeiam essa comunicação, fornecendo informações sobre o solicitante do serviço antes mesmo da chegada à casa.

O sociólogo H. Mendras (1978) discute a relação entre a economia camponesa e uma ordem moral própria, identificando a estruturação da vida econômica com a presença expressiva de grupos domésticos, o que nos permite pensar em relações de interconhecimento subsidiando a economia e situando a própria troca como instrumento de comunicação e relações sociais. Também na Oestana as relações interpessoais atravessam os contatos interpessoais, viabilizando a identificação social e política do doente ou de seu familiar, como nos conta M. J., “eles conhecem quem vem para cá, quem vai pedir, quem não vai, onde mora, de qual família é” (M. J., 16 set. 2011).

Nesse reconhecimento são cruzadas as informações sobre o demandante e sua rede de relações; se estão vinculados ao mesmo grupo do prefeito, se o demandante está apto a atender às exigências do compromisso político, rendendo sua gratidão para quem lhe concede o benefício da vaga na Oestana. Isso signifi-

<sup>10</sup> Os nomes dos interlocutores são fictícios e exprimem nossa preocupação com a preservação do anonimato e o respeito à discrição da participação dos usuários da casa na pesquisa.

ca que o contato com o prefeito ou com o seu “pessoal” (secretário de saúde, assessores e cabos eleitorais) nem sempre ocorre de forma direta ou previamente à estadia, muitas vezes sendo viabilizado pelas redes de informação e amizade do candidato. Como tais redes são construídas em função das origens e dos interesses comuns (WEBER, 1981), elas têm efeitos negativos, pois: “quando um partido conhece você, você é bem atendido. Se for para o outro lado, é mais difícil conseguir. Não é nem pelo prefeito, é pelos outros. Interior é assim: eles sabem de tudo” (M. J., 16 de set. 2011).

O pertencimento a uma origem semelhante conforma um vínculo comum, qualificando o acesso a essa rede (da qual a Oestana representa o paradigma), ou seja: “a autopromoção de um pertencimento territorial por um coletivo tem efeitos prescritivos e preditivos quanto às relações sociais que os membros do grupo vão procurar instaurar e o papel que eles julgam desempenhar naquelas” (QUIMINAL, 2000, p. 108). Na Oestana, essa ligação é marcada por uma contiguidade simbólica que inclui não somente provedores e usuários dos serviços da casa, mas também uma conexão com o vínculo pré-migratório, constituindo, à distância da origem, uma comunidade de valores, códigos e condutas sustentada por uma identidade comum, idealizada e acionada nesse contexto particular, o que “lhes permite mobilizar as redes e solidariedades necessárias às suas vidas” (QUIMINAL, 2000, p. 118).

Ainda que não se conheçam pessoalmente nas suas cidades de origem, a Oestana viabiliza a aproximação entre políticos e eleitores eventuais, pois nela se constitui uma associação das redes imediata e especializada,<sup>11</sup> seguindo a chave da compreensão de M. Agier (2011), que propõe quatro desenhos de “interação sociais” de acordo com os atores envolvidos nas situações ordinárias do cotidiano.

A rede imediata compreende familiares, vizinhos, amigos e agregados que compõem o entorno mais direto dos seus membros, enquanto a rede especializada é “marcada por um distanciamento do cotidiano regulado segundo diversas formas liminares [...]. Num espaço definido e apropriado e no tempo de um evento ritual [...] uma ordem específica de relações e de identidades se cria, viabilizada pela definição consensual da situação como um momento de liminaridade” (AGIER, 2011). A Oestana entretece sujeitos, serviços e equipamentos voltados à saúde e à assistência médica, simbolizada pelos trânsitos entre o rural e o urbano, o público e o privado, a saúde e a doença, a impessoalidade e a pessoalidade.

É importante destacar que nem sempre a proximidade política implica numa aproximação pessoal, o que provoca muitos desentendimentos e formação de

---

<sup>11</sup> Nos grupos de quadrilhas juninas estudados por ela, assim como na Oestana, essa rede perpassa e transpassa outras, compondo uma filigrana definida segundo a forma da interação dominante: “as conexões entre tais níveis tornam possível a composição de infinitos desenhos a partir dos delineamentos iniciais”, num desenho que envolve outras redes, sejam “de proximidade” ou “externa” (p. 107-26).



grupos dentro da casa: “em todo canto tem panelinha: até na Oestana! “Às vezes, você sente as pessoas meio frias com você, e com outras elas não são assim. Lá na pousada, a gente tem que saber o que vai falar, porque tem gente que escuta demais” (M. J., 29 fev. 2012). As “panelinhas”<sup>12</sup> denotam a formação de grupos locais detentores de privilégios, podendo envolver familiares e aliados e caracterizando-se principalmente por uma lógica de funcionamento que envolve a cobrança mútua de “préstimos” (KUSCHINIR, 2000): “quem mais vem para cá [para a Oestana] é o povo do prefeito. Eles vêm quando querem, têm carro para vir na hora que querem, porque trabalham para o prefeito no tempo da campanha e depois querem o deles, é claro!” (T. J., 16 set. 2011).

Podendo ser constituída individualmente (isto é, face a face) ou estabelecida em redes, a panelinha distingue positivamente aqueles que a compõem, pois como propõe Wolf (2003, p. 108), na “amizade de panelinha”, as “pessoas superiores e inferiores em termos de poder podem estabelecer alianças informais para assegurar a existência tranquila de seu relacionamento ou para procurar apoio em promoções e outras necessidades”. Assim, a amizade de panelinha com o grupo do prefeito tem um objetivo eleitoral, mas o acordo que sustenta a panelinha não se restringe a laços políticos, nem apenas ao parentesco ou posições sociais: acordo tácito, ele é composto por pessoas inseridas em níveis distintos de poder, mas que mantêm os mesmos interesses.

Ao contrário da amizade diádica, a panelinha tem um grau de afetividade menor, mas mobiliza não somente recursos comuns à esfera política (notadamente votos e apoio político), estendendo-se a outros domínios da vida social. Ser próximo ou pertencer à panelinha dos gestores e dos dirigentes da Oestana facilita o acesso a seus serviços e possibilita a adesão a novas relações da panela ou à constituição de amizades diádicas, que permitem distinções cotidianas, como o tratamento por apelidos, além de promoverem o compartilhamento de detalhes da vida pessoal dos funcionários da casa, por exemplo. Em alguns casos, esse contato pode ser intermediado por uma pessoa externa à Oestana, mas integrante de sua rede de serviços:

O primeiro exame que a médica [de Natal] passou era R\$ 400,00 e eu não tinha o dinheiro. [...] Meu irmão trabalhava numa borracharia aqui e conhecia muito Zezinho. [...] Quando ele soube, foi na casa de Zezinho e bateu na porta dele, às três da manhã, contando a situação [...]. O exame era de seis horas. Quando foi cinco e meia Zezinho chegou lá com

<sup>12</sup> A *panela* ou as *panelinhas* são uma referência às intimidades (ou seja, à cozinha) daqueles que dispõem do poder. “Ser da panelinha” ou fazer parte dela quer dizer “comer da mesma panela”: participar – ainda que passivamente ou indiretamente – dos círculos de decisão.

o dinheiro. De lá para cá eu não tiro R\$ 1,00 do bolso. (B. L., 18 jan. 2012)

A quadrangulação políticos-serviços de saúde-hóspedes-casa representa um complexo sistema que envolve trocas de serviços, recursos econômicos e vínculos afetivos (favores e dívidas) que dão sentido às relações, tanto na casa quanto fora dela, e envolvem usuários, frequentadores, proprietários e políticos, engendrando o que Marcos Lanna intitulou “dívida divina” (1995).<sup>13</sup>

Na Oestana, a dívida do paciente e de sua família é reforçada com troca de informações de teor jurídico, logístico, clínico e pela inclusão numa rede que lhe assegura atendimento no sistema público de saúde e construção de vínculos, além do conforto e da segurança emocional e psicológica que uma rede dessa natureza suscita, destacando os elementos que constituem uma “solidariedade pessoal” (ROULAND, 1997) operadora do débito supracitado. O sentimento de gratidão e dívida não apenas envolve e compromete políticos e eleitores, provedores e assistidos, mas constitui uma rede sustentada por compromissos morais que revelam uma transcendência entre as dimensões de publicidade e de privacidade que essas relações engendram.

### **A intimidade cultural e seus códigos: o público e o privado na casa**

Enquanto H. Mendras (1978) compreende a sociedade camponesa através das relações de interconhecimento, tomamos metaforicamente tal noção em nosso campo para entender as redes e a própria lógica da Oestana através de uma perspectiva doméstica, pois ela é uma casa alegórica – da qual inclusive empresta o conceito (casa de apoio). No limiar entre o rural e o urbano, as lógicas da casa e da rua também se encontram na Oestana e ali se confundem, tornando as contradições e assimetrias da casa mais diluídas e menos visíveis até para o observador atento.

A configuração dos espaços na Oestana não revela somente a organização interna da casa, mas também as formas das relações nos diversos campos da vida social – e como estes se interpenetram em situações que combinam os elementos indivíduo, espaço e sociedade, engendrando configurações situacionais e relacionais, precedentemente citadas (AGIER, 2011).

No que se refere à relação com o espaço, por exemplo, vemos que cotidianamente a cozinha é comandada pela viúva Das Neves.<sup>14</sup> Seu acesso só é

<sup>13</sup> Este político não atua como médico em nenhum município do Oeste potiguar, mas, sendo médico, atende informalmente algumas pessoas em sua casa, no município de Portalegre.

<sup>14</sup> Conhecida como “Viúva Das Neves”, ou como “a Viúva”, Dona Das Neves trabalha na casa desde 2002.

permitido aos funcionários da casa e a algumas voluntárias hóspedes ou acompanhantes que conquistam esse acesso por serem presenças regulares na Oestana, podendo auxiliar voluntariamente em muitas tarefas e frequentar suas dependências. Seja por razão de uma visita ou por desejo próprio, os prefeitos podem transitar pela cozinha, sem restrições, mas os demais hóspedes ou visitantes só excepcionalmente podem adentrá-la.

Outra situação que ilustra a tese de que a rua não raro é tocada pela lógica da casa é quando, por exemplo, os prefeitos visitam os pacientes na Oestana e dividem a mesa com eles no refeitório: “quando os prefeitos chegam, eles vão direto à cozinha [...] e ficam por lá, comem com o povo, já orientado, sabe?” (M. J., 19 abr. 2012). Ou ainda através de algumas atitudes diferenciadas dos prefeitos que – sem cerimônia – fornecem aos pacientes o número do seu telefone pessoal, além de lhes visitarem pessoalmente em seus quartos (quando hospedados na Oestana) ou, depois, em suas residências:

Quando eu fiquei doente, eu liguei para L. R. [prefeito de Pau dos Ferros (RN)] e ele foi em minha casa [...]. Ele atende o povo em casa mesmo, aí ele me encaminhou para cá. Mas antes eu fui na Secretaria de Saúde pegar as passagens e marcar as consultas. L. R. é o político do meio da rua, não tem besteira com ele não, ele ajuda muito o povo, quem precisa mesmo. (T. I., 17 abr. 2012)

Público e privado: esses campos, em princípio ambivalentes, só podem ser compreendidos em seu pleno significado através da complementaridade com o valor de seu oposto, pois “assim como a rua tem espaços de moradia e/ou ocupação, a casa também tem seus espaços ‘arruados’” (DA MATTA, 1997, p. 60). Mais um aspecto merece destaque nesse conjunto de situações: a participação voluntária nos serviços da Oestana, nos quais uma representação dos papéis de gêneros acompanha a divisão das tarefas, constituindo combinações variáveis dos dois elementos.

Assim, segundo os usos e funções que lhes atribuem os seus gestores e usuários, a Oestana faculta a identificação de universos simbólicos públicos e privados que dialogam e intercambiam sentidos entre os polos representados pelos espaços da casa (a Oestana) e da rua (a cidade). Ali as mulheres assumem os afazeres da casa na casa (cozinha, faxina e outros serviços domésticos), enquanto os homens ajudam Seu Zezinho nas atividades de mediação com a rua, como o transporte e o deslocamento pela cidade dos pacientes e demais hóspedes, reforçando a percepção sobre a organização familiar no Brasil urbano, na qual Agier (2011, p. 86) atribui “aos homens o papel de abastecedor de bens e território, às mulheres o papel de gestoras das ajudas em redor da casa”.

Na casa, ainda, certos códigos de comportamento social (como os cumprimentos, o modo de se dirigir e de falar entre e com as mulheres) são perfeitamente distintos, sendo comum o respeito às regras paternalistas: o homem é conhecido por seu nome, enquanto as mulheres são tratadas a partir da referência aos seus maridos ou pais – Ceíça é “Ceíça de Severino”, outra senhora é “a mulher de Jamil”.

A intimidade propiciada pelo respeito ao tratamento por referência se estende também a Seu Zezinho e à equipe da Oestana, promovendo um vínculo de confiança entretecido no cotidiano, que expõe a especificidade e a sutileza presentes nas relações intracasa. Vale lembrar também que essas referências são centrais para a constituição da própria estrutura organizacional da Oestana, cujos coproprietários são ex-esposos e engendram um núcleo de interconhecimento que tem como base essa relação conjugal e a partir do qual se desenrola toda a sucessão de parentescos que constitui a trama cotidiana da casa, tendo familiares e compadres no seu eixo gestor.

Considerando algumas categorias como o parentesco e a amizade, podemos apontar distinções visíveis no modo como os laços são tecidos, destacando a distinção entre os funcionários que têm um vínculo sanguíneo ou de parentesco simbólico com Seu Zezinho. Para os que não o têm, predomina uma relação mais formal, impessoal e distanciada – bem distinta do tratamento íntimo que ele estabelece com alguns colaboradores específicos.

Na concessão dos cargos dentro da casa, aqueles que exigem mais sigilo e confiança (repcionista e motorista) são ocupados, respectivamente, pelo sobrinho e filho de Seu Zezinho,<sup>15</sup> ao passo que faxineiras e cozinheiras são geralmente amigas ou apenas “conhecidas”.<sup>16</sup> Quando, na recepção, Higor (sobrinho de Seu Zezinho) está em férias, Ceíça (ex-esposa) ou Sônia (irmã de Seu Zezinho) assumem o posto. Enquanto chefe da cozinha e da equipe das faxineiras, a viúva Das Neves (antiga comadre) desfruta de uma relação privilegiada com o proprietário e sua ex-esposa, recebendo um tratamento diferenciado dos seus patrões, o que se revela por meio de atenções, cuidados e uma atitude mais compreensiva na rotina de trabalho. Ela retribui a atenção, ocupando-se pessoalmente de ambos,

<sup>15</sup> O cargo de motorista da casa é de confiança do Seu Zezinho, pois mantém contato intenso com os assuntos e demandas correspondentes ao funcionamento da Oestana (recebimento de exames e pagamentos externos em farmácias ou comércios), enquanto os motoristas de ambulâncias e outras viaturas enviadas pelas cidades exercem sobretudo o transporte dos pacientes.

<sup>16</sup> Conhecidos é uma categoria nativa que define as pessoas com as quais não mantemos relação de intimidade e cumplicidade próprios da amizade, mas com as quais temos relativa proximidade, podendo ter vínculos comuns: é *conhecido*, porque já sei quem é, ou seja, tenho referências dele. Foi o caso de “Leninha”, que trabalhava na Oestana para a prefeitura de Encanto, tendo sido substituída quando o candidato opositor assumiu. No entanto, devido à “amizade” que mantinha com o prefeito do município, Luís Gomes, foi convidada a trabalhar naquela outra prefeitura junto à Oestana. Em simultâneo, na casa ela também atendia os pacientes de Caraúbas, outro município do Oeste Potiguar.

especialmente de Seu Zezinho, a quem dispõe cuidados maternos.

Vemos então que a hierarquização presente na divisão dos serviços entre patrões e empregados da casa, e entre esses últimos, é diretamente informada pela força das relações interpessoais que a convivência na Oestana reforça (quando pré-existente) e se constitui por meio da relação de proximidade cotidiana que muitas vezes se desdobra em laços afetivos. Nos casos de Higor e Rodrigo, uma possível explicação para tanto é o vínculo familiar. Já em relação à viúva Das Neves, o que provavelmente determina a maior confiança depositada em sua pessoa é o vínculo de parentesco simbólico que os une somado ao tempo de serviços prestado à Oestana.

Assim, a equipe central, composta por Seu Zezinho, sua ex-esposa (sócios na Oestana), seu filho, o sobrinho Higor e a viúva Das Neves, tem também maior responsabilidade e autoridade sobre a casa, não somente porque cada um ocupa um cargo elevado, mas pelo fato de serem afetivamente vinculados ao dono, o que confere a essa relação uma sólida confiança recíproca.

Mas a constituição da equipe da Oestana baseia-se também em outra importante referência: os vínculos de amizade constituídos nas cidades de origem dessas pessoas, pois tanto os usuários, proprietários e funcionários quanto os frequentadores da casa fazem parte de um mesmo universo simbólico e social, o que lhes garante certa “intimidade cultural” (NEIBURG, 2006). Isso talvez explique a informalidade que rege os relacionamentos na Oestana: muitas histórias de vida se comunicam por razões e caminhos próximos, ou por disporem de uma mesma rede de amigos e conhecimentos em sua região de origem, o Oeste do Rio Grande do Norte.

Esse compartilhamento de códigos simbólicos também pode ser observado inclusive na forma como se cumprimentam e se referem uns aos outros, utilizando-se apelidos afetivos e jocosos, como quando afirmam em tom de brincadeira: “A Nega deu conta do serviço da casa, mesmo!”, ou “Galega; você é fogo!”, ou ainda brincando: “Tu não vale nada!”.<sup>17</sup> Tais expressões revelam não apenas a informalidade das relações que predominam no cotidiano da casa, como também um grau de proximidade e afetividade mais significativo do que aquele observado em relações laborais e impessoais ordinárias.

Se a proximidade é um critério de distinção no seio da Oestana, entre seus gestores o mesmo critério se aplica para o cliente, que dificilmente se lança ao concurso dos seus serviços se não estiver em uma posição que o qualifique como merecedor e reconhecido como digno e moralmente apto a procurar aqueles a

<sup>17</sup> Empregados no presente contexto, “Nega” ou “Galega” não exprimem preconceito étnico ou racial, sendo vocativos de registro afetivo e carinhoso, correntes na linguagem local, que frequentemente utiliza “Nega” para as mulheres de cabelo escuro e pele morena ou negra e “Galega” para as mulheres de cabelo castanho ou loiro, ou pessoas de pele ou olhos claros.

quem potencialmente apoiará e votará em futuras eleições. Como dispositivo moral da clientela, a gratidão é a substância das redes médicas e políticas que observamos, revelando como o público é capturado pela esfera da intimidade, aqui definida pela constituição de laços de familiaridade e relações e sentimentos subjetivos, matizados pela convivência doméstica e pela agência das redes conectadas aos locais de origem dos pacientes.

Não se trata de personalização da política, provocada pelas investidas de uma única figura influente, pública e provedora, mas de uma transmutação de substâncias morais numa dinâmica que revela

a contradição profunda que existe entre a lógica democrática e a lógica burocrática do Estado. De fato, a democracia eleitoral consiste em solicitar e acumular o máximo de associados numa atmosfera de competição eleitoral, mas exige também a composição e manutenção de laços de fidelidade entre eleitores e eleitos. Ela obedece assim às regras de troca generalizada que contradizem aquelas idealmente supostas reger as relações entre cidadãos e serviços públicos do Estado. (BOUJU, 2000, p. 152)

São as relações interpessoais (redes de conhecidos) que capacitam os indivíduos na sua relação com a esfera pública e seus “agentes e significados associados” (NEIBURG, 2006). No universo da Oestana, esses agentes são despachantes, funcionários da casa, secretários de saúde, prefeitos, assessores e cabos eleitorais, que compreendem e ultrapassam o limite estrito da burocracia do Estado, mantendo-se atrelados a ela. Para o cliente, dispor e/ou constituir uma rede de relações dessa ordem pode significar a diferença entre cuidado e abandono, doença e saúde, morte e redenção.

No sentido aqui exposto, temos um exemplo de “rede social total” no sentido sugerido por Barnes (1987), revelando o quanto o poder é um preceito potencial nas relações cotidianas e como as redes “contêm a maior parte possível da informação sobre a totalidade da vida social da comunidade à qual corresponde” (BARNES, 1987, p. 166). Pensando a casa como espaço simbólico de realização dos vínculos de proximidade política e simbólica, procuramos refletir sobre a combinação entre intimidade e publicidade num contexto de disputas eleitorais a partir das formas nativas. Se a reflexão sobre a relação entre o público e o privado não constitui novidade na literatura, é necessário desvelar tais modalidades de vínculos não como apropriação ou superposição de um sobre outro, mas como relação entre as partes, geralmente assimétrica, mas nem sempre hierarquicamente intransponível, inflexível ou definitiva.

Nesse sentido, é o compartilhamento de códigos identitários relativos a condutas cotidianas e eleitorais que permite a aproximação simbólica entre os

envolvidos, e a Oestana é um espaço alegórico constituído pelo encontro de diferentes domínios culturais e propício à circulação e à criação de códigos e condutas. Aqui é possível reimprimir traços das relações vividas nos contextos pré-migratórios, incorporando-os à extensão urbana da Oestana e aproximando simbolicamente quem dela participa, permitindo uma “horizontalização” (CHIANCA, 2010) simbólica das relações políticas mais verticalizadas.

Assim, na Oestana, a distância entre políticos, médicos, mediadores (despachantes, cabos eleitorais, familiares, conhecidos) e pacientes é preenchida por laços domésticos, profissionais, de vizinhança, de parentesco etc. que nos obrigam a considerar o vínculo entre prefeitos e pacientes de forma relacional, resignificando a ideia de englobamento ventilada por Da Matta (1997) e ponderando não somente que a lógica da casa encerra a lógica da rua, mas que a casa é “visitada e habitada” por modos de pensar e agir que acionam domínios públicos carregados de publicidade.

Adentrando aquela casa, o público e o privado se entrecruzam, confundem, remodelam, respondendo à contradição própria de uma realidade em que a política “não pode se apoiar sobre uma clientela ideológica que seria transversal a lógicas comunitárias” (BOUJU, 2000). Enquanto os discursos oficiais (prefeitos, candidatos e gestores da Oestana) expressam a preocupação com a universalidade e a impessoalidade no atendimento, a clientela é configurada pela “lógica da dádiva e da sedução que leva à personalização da relação política, opondo-se a uma lógica de despersonalização e do contrato” (BOUJU, 2000, p. 152).

### **Considerações (in)conclusivas: a construção de um ethos e a “solidariedade pessoal”**

Esperamos ter evidenciado não somente a intercomunicação do “rural” e do “urbano”, mas a própria precariedade desses conceitos enquanto contraditórios, opostos e antagônicos. Por ser um espaço de trânsito e comunicação, a Oestana nos levou a abordá-los em suas interconexões, revelando as continuidades e descontinuidades destes na articulação com outros domínios da vida social tanto pré como pós-migratórios: doença e saúde, público e privado, personalidades e impessoalidades, casa e rua, dívidas e dádivas.

Nas relações entretecidas na Oestana e nos contextos a ela associados, observamos como o interconhecimento e a política eleitoral circunscrevem ou mesmo individualizam a solidariedade, acionando outras esferas e significados sociais e corroborando o nosso entendimento de que é possível relativizar noções como a impessoalidade – caracteristicamente cidadina e cidadã. Não obstante seja inerente ao acesso a um sistema universal de saúde, ela é interposta por uma sucessão de sujeitos políticos que medeiam a relação entre o paciente e o serviço médico ao qual ele recorre, demonstrando assim que “as relações estabelecidas num contexto

são utilizadas noutro” (BARNES, 1987, p. 166).

No curso da estadia na Oestana, os clientes sobrepujam a doença, reconstruindo simbolicamente suas referências socioafetivas através de categorias a princípio concorrentes. Polaridades cotidianamente bipartidas em outros domínios (rural/urbano, publico/privado, casa/rua, saúde/doença, impessoal/pessoal) podem ser sintetizadas neste lugar (a casa): pouso transitório, lugar de passagem onde se intercambiam experiências de debilidade clínica que também se deseja suplantar pelo restabelecimento e retorno à saúde (e às próprias residências).

Nesse contexto outras sínteses ainda merecem ser destacadas, como as relações de poder entretecidas nas redes de interconhecimentos ali configuradas, que ampliam o protagonismo político para além de dois personagens tradicionalmente classificados como “patrão” e “cliente”. Isso torna a assimetria mais capilarizada, movimentando mais pessoas, mais informações, mais possibilidades políticas e eleitorais, borrando os limites de dois domínios territoriais inscritos numa grande trama política. Como resultado, obtemos uma redistribuição relativa do poder que – em termos dos pequenos municípios que a Oestana atende – está concentrado nos chefes locais: prefeitos, deputados estaduais e vereadores. Permanecendo hierarquizadas, destarte tais relações políticas têm mediações de amigos, conhecidos e conterrâneos, acionando relações que ultrapassam o vínculo político tradicional.

Um processo semelhante de capilarização política foi percebido por Chianca (2010) em suas pesquisas sobre as quadrilhas juninas da cidade de Natal, também constituídas em sua maioria por migrantes do interior do estado e seus filhos. Naquela situação, essa distribuição conduziu a um efeito concomitante, gerando uma maior aproximação entre eleitores e líderes locais, provocando mais um dos aspetos da contiguidade simbólica de que falamos anteriormente. Nas quadrilhas juninas, ela percebeu que se intensificaram os elementos da relação política cidadina cotidiana, em que “fazer política” é estar e parecer próximo, íntimo dos eleitores, distinguindo-se da ideia caricaturada do curral eleitoral: “quando um político não pode ajudar o grupo em 100% de sua demanda, ele deve dizê-lo francamente [...]. Ele deve se apresentar ao seu eleitor como um personagem que tem também suas limitações, impossibilitado de ajudar, apesar de sua boa vontade. Isso reforça seu vínculo com o eleitor, pois, oferecendo ‘o que pode’ sem esperar retorno, ele se apresenta como próximo e semelhante. Por sua ‘ajuda’, ele nunca deve exigir uma contrapartida, sob o risco de atingir o brio dos membros do grupo. Ao invés de ser visto como um “chefe” político, passa a ser tratado como um ‘amigo’” (CHIANCA, 2010, p. 15).

Esta hipótese da capilarização política por meio de vínculos ritualmente horizontalizados precisa ser confirmada em outras pesquisas de campo envolvendo a individualização/personalização das políticas públicas. Ela sinaliza também a cen-



tralidade da solidariedade pessoal nesse domínio, que, por sua vez, é sustentada pelo ethos da “ajuda” que a panelinha representa: deparamo-nos com uma relação eleitoral transmutada de amizade ou, ao contrário, com uma amizade cotidiana, próxima e familiar que se reconfigura em uma relação ritual, submetida à transitoriedade, às formas liminares e a novas ordens de realidade reconfiguradas na fronteira e nos fluxos simbólicos contemporâneos?

A eventualidade de uma ruptura dos quadros sociais de interação pré-estabelecidos (presentes nos contextos rituais) é regulamentada pela casa, que traduz a experiência da estadia em suas dependências em termos de uma referência impessoal corroborada por vínculos identitários preexistentes (políticos, familiares, de origem), mais estáveis que a situação de fragilidade individual que a distância e a doença poderiam propiciar.

## Referências bibliográficas

- AGIER, Michel. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.
- AZEVEDO, Julianna. K. S. B. de. *A dívida da vida: redes clientelistas na saúde “de favor”*. Natal, 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Ciências Sociais.
- BARNES, J. A. Redes sociais e processo político. In: FELDMAN-BIANCO, B. (Org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas*. São Paulo: Global, 1987. p. 159-94.
- BOUJU, Jacky. “Clientélisme, corruption et gouvernance locale à Mopti (Mali).” In : *Logiques identitaires, logiques territoriales*. Paris: Editions de l’Aube, IRD, 1995.
- CENSO DEMOGRÁFICO. *Cidades*. Estimativa da população. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.
- CINTRA, A.C. A política tradicional brasileira: uma interpretação das relações entre centro e periferia. In: BALAN, J. (Org.). *Centro e periferia no desenvolvimento brasileiro*. São Paulo: Difel, 1974. p. 31-77.
- CHIANCA, Luciana. *São João na cidade: ensaios e improvisos sobre a festa junina*. João Pessoa: Ed. UFPB, 2013.
- \_\_\_\_\_. Relações de compadrio nas festas juninas: reciprocidade, hierarquia e redes sociais. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 27, 2010, Belém (PA). *Anais eletrônicos...* Brasília (DF), 2010. Disponível em: <[http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD\\_Virtual\\_27\\_RBA/arquivos/grupos\\_trabalho/gt43/lci.pdf](http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_27_RBA/arquivos/grupos_trabalho/gt43/lci.pdf)>. Acesso em: 19 set. 2016.

- DA MATTA, Roberto. *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FAORO, Raymundo. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. 3.ed. rev. São Paulo: Globo, 2001.
- GARCIA JR., Afrânio Raul. A sociologia rural no Brasil: entre escravos do passado e parceiros do futuro. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 10, jul./dez. 2003, p. 154-89. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/sociologias>>. Acesso em: 19 set. 2016.
- HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de. *A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- KUSCHNIR, Karina. *O cotidiano da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- LANNA, Marcos. *A dívida da vida: troca e patronagem no Nordeste brasileiro*. Campinas, São Paulo: Unicamp, 1995.
- LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*. 2.ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1975.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.
- MENDRAS, Henri. Coletividades locais. In: *Sociedades camponesas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 85-105.
- \_\_\_\_\_. Transformações na cultura urbana das grandes metrópoles. In: MOREIRA, A. (Org.). *Sociedade global: cultura e religião*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- NEIBURG, Federico. Intimidade e esfera pública: política e cultura no espaço nacional argentino. In: PALMEIRA, M.; BARREIRA, C. (Orgs.). *Política no Brasil: visões de antropólogos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006. p.333-52.
- OFFNER, Jean-Marc; PUMAIN, Denise. *Réseaux et territoires: significations croisées*. France: Editions de l'Aube, 1996.
- QUIMINAL, Catherine. Construction des identités en situation migratoire: territoire des hommes, territoire des femmes. In : *Logiques identitaires, logiques territoriales*. Paris: Editions de l'Aube, IRD, 2000.
- RIGAMONTE, R. C. *Sertanejos contemporâneos: entre a metrópole e o sertão*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP/Fapesp, 2001.
- ROULAND, Norbert. *Roma, democracia impossível? Os agentes do poder na urbe romana*. Trad. Ivo Martinazzo. Brasília: Editora da UnB, 1997.
- WEBER, Max. 1981. A situação dos trabalhadores rurais da Alemanha nas províncias do Além-Elba. In: SILVA, J. G. da; STOLCKE, V. (Orgs.). *A questão agrária*. São Paulo: Brasiliense.
- WOLF, E. Parentesco, amizade e relações patrono-cliente em sociedades com-

plexas. In: FELDMAN-BIANCO, B.; RIBEIRO, G. L. (Orgs.). *Antropologia e poder*. contribuições de Eric R. Wolf. Brasília: Editora da UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Editora da Unicamp, 2003. p. 92-114.

**autoras**     **Julianna Azevedo**

Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA). Mestre em ciências sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Participa do grupo de pesquisa “Diversidade Étnico-Racial, Saberes Tradicionais e Educação na Amazônia” (DESA).

**Luciana Chianca**

Doutora em antropologia pela Université Victor Segalen – Bordeaux 2, professora associada do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba, integra o programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPB. Estuda o patrimônio imaterial com ênfase nas festas e rituais da cultura popular e urbana. Realiza projetos e consultorias na área de cultura digital e desenvolvimento de tecnologias sociais.

**Recebido em 05/04/2016**

**Aceito para publicação em 11/01/2017**